



Gabriela Levy*

Exiladas

*O exílio foi, talvez, a questão primeira,
pois o exílio foi a palavra primeira - o
antes-do-exílio é o antes-da-palavra.*
Edmond Jabès, 1980

A doença do exílio é a perda do fora.
Fethi Benslama, 2004

A noção de exílio permeia implicitamente todo o pensamento psicanalítico enquanto paradigma da estrangeirice, isto é, do descentramento subjetivo e da dialética entre identidade e alteridade inerentes à constituição psíquica. Dimensão marcante da experiência individual e coletiva universal. Como afirma Fethi Benslama, o exílio – em sua riqueza polissêmica – “coloca em

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

xeque a totalidade do sujeito em sua existência e em sua relação com seus significantes fundamentais” (Benslama, 2004, p. 25).

Contudo, o real da vivência de refugiados e migrantes, coloca-nos muitas vezes frente a dramáticas situações-limite nas quais a abordagem do exílio exclusivamente, enquanto descentramento psíquico, torna-se insuficiente para entender o sofrimento específico de sujeitos cuja alteridade é redobrada e exacerbada por experiências de deslocamentos, violências e alienação cultural.

Nos últimos anos, observa-se no mundo um aumento exponencial de migrações e deslocamentos provocados por guerras, conflitos, pobreza, situações de degradação e mudança climática ou, simplesmente, pela busca de melhores oportunidades de vida. Este fenômeno se traduz a cada passo em trajetórias de vida familiar e individual particularmente traumáticas, nas quais mulheres e crianças exiladas são atores especialmente vulneráveis. As estimativas da Organização das Nações Unidas (2016) indicam, dessa maneira, que mulheres e meninas representam quase metade dos 244 milhões de migrantes e metade dos 20 milhões de refugiados no mundo.

Neste contexto, a proposta do presente **Dossiê** é, em primeiro lugar, dar voz a um conjunto de mulheres que vivenciaram a brutal experiência física e psíquica do desenraizamento e do exílio; experiência que abalou ao mesmo tempo suas referências culturais, seu corpo e sua condição feminina. A partir disso, entre exposição de casos, depoimentos e reflexões teóricas, este conjunto de artigos têm por ambição também, despertar a curiosidade dos leitores para a riqueza humana e a criatividade conceitual de uma nova e muito necessária “clínica do exílio”¹.

O artigo que abre o **Dossiê**, “Mulher de pedra, mulher de prantos, mulher de revolta” de Marie-Caroline Saglio-Yatzimirsky, faz-nos ouvir a voz comum de três singulares exílios de mulheres da Ásia Meridional. Neha, paquistanesa, Sonia, bengalesa e Alaya, afgã, testemunham sobre “exílios de violência”, “exílios de urgência” onde a decisão de partir é uma “escolha forçada” sem a qual correriam risco

de vida. A autora, através das histórias de vida destas três jovens mulheres e do relato do seu trabalho clínico com elas, mostra como apesar das provas extremas de sofrimento, perda e separação, a experiência traumática do exílio vai sendo elaborada e integrada em suas histórias individuais, permitindo assim abrir “outras possibilidades de ancoragem cultural e psíquica” e de expressão do feminino.

Em segundo lugar, mudando de área geográfica e acompanhando nesta ocasião os relatos da terrível travessia de imigrantes africanas que desembarcaram em solo italiano, Simona Taliani se interroga sobre a prática clínico-analítica com pacientes que tiveram que lidar com a violência do trauma e da exclusão, tanto em seu país de origem, quanto ao longo de seu deslocamento no país de acolhimento. A autora alerta como estes casos impõem a necessidade de repensar noções psicanalíticas clássicas e de manter uma escuta aberta às vicissitudes históricas do trauma, assim como às repetições que exigem algo novo.

Esta abertura ao novo é o que atesta a intensa e movimentada vida de Marie Langer, uma das pioneiras da psicanálise no rio da Prata, descrita aqui por seu genro José Luis González Fernández. O autor nos relata a história dos sucessivos exílios e reinvenções pessoais vividos por Marie Langer: voluntária na Guerra civil espanhola, refugiada na atual República Checa, exilada durante a Segunda Guerra Mundial no Uruguai, migrante econômica na Argentina, e novamente refugiada – desta vez no México – durante a ditadura militar para, afinal, fazer um último deslocamento de retorno para morrer na Argentina, sua terra de adoção.

Nesse caminho, e fazendo eco à singular trajetória de Marie Langer da Europa à América Latina, apresentamos também um comovedor relato de exílio da fotógrafa brasileira Claudia Andujar no qual conta lembranças de sua fuga do nazismo, desde a Hungria até a Suíça, junto à sua mãe, enquanto quase toda sua família paterna havia sido deportada aos campos de concentração. Claudia Andujar evoca também sua migração a Nova Iorque e finalmente sua ida a São Paulo, cidade em que

1 Ver: Benslama (2004), Douville (2014), Saglio-Yatzimirsky (2018).



Fotografia: Claudia Andujar
Trem baiano, da série *Histórias reais* (1969)
Impressão com tinta pigmentada mineral sobre
papel algodão, 73 x 110 cm

decide se radicar desde meados da década de 1950, e na qual se torna uma grande fotógrafa com uma profunda experiência de engajamento estético e político ao lado dos índios yanomami na Amazônia brasileira, povo ameaçado de extermínio durante a ditadura militar.

Finalmente, apresenta-se nesta série de depoimentos pessoais sobre o exílio, o texto de Jobana Moya, mulher quéchua e ativista de um coletivo de mulheres imigrantes. Seu texto trata do desamparo de tornar-se mãe numa terra e cultura diferentes, porém dessa vez trata-se de uma conjuntura contemporânea e interna à nossa região (do altiplano boliviano a São Paulo). Ela descreve assim o choque entre diferentes representações e práticas corporais relacionadas à gravidez, ao parto, e ao puerpério, reivindicando neste contexto a necessidade de um modelo de saúde intercultural que possa valorizar a diversidade de saberes.

A história da psicanálise e sua expansão estão marcadas, como sabemos, pelas experiências do exílio: o de Freud e de muitos de seus contem-

porâneos durante a Segunda Guerra Mundial ou, mais próximo de nós, os exílios impostos pelas ditaduras militares na América Latina nos anos 1970, e mais recentemente pelas atuais grandes crises migratórias. Fechamos então este Dossiê com um breve texto de Adriana Prengler, *Chair* do “Comitê de Realocação de Psicanalistas Emigrantes” da Associação Psicanalítica Internacional (IPA, por suas siglas em inglês), sobre o importante trabalho desenvolvido por esse comitê para ajudar e facilitar o processo de reinserção profissional de membros e candidatos da IPA que estejam vivendo atualmente os desafios do exílio.

Referências

- Assembleia Geral das Nações Unidas (2016). *Mujeres refugiadas y migrantes*. Disponível em: <http://www.unwomen.org/es/news/in-focus/women-refugees-and-migrants>
- Benslama F. (2004). Qu'est-ce qu'une clinique de l'exil? *L'évolution psychiatrique*, 69, 23-30.
- Douville, O. (2014). *Les figures de l'Autre*. Paris: Dunod.
- Jabès, E. (1980). *Le livre des ressemblances*. Paris: Gallimard.
- Saglio-Yatzimirsky, M.-C. (2018). *La voix de ceux qui crient*. Paris: Albin Michel.